

Apoio aos pais através de um novo olhar sobre as crianças

Bruno Tagliacozzi

A minha colaboração com o Instituto começou em 1990 e o mantenho ininterruptamente desde então executando um trabalho clínico, didático e científico.

Minha primeira função clínica foi propriamente me dedicar prevalentemente ao trabalho com os pais cujas crianças estavam em terapia conosco.

Não é fácil resumir em poucas palavras as mudanças observadas durante este quarto de século em que eu trabalho com os pais, mas existe um princípio fundamental que há sempre guiado o meu trabalho clínico, que é: ***Não podemos desejar, não podemos exigir de uma criança de ir adiante aos limites que seus próprios genitores lhe impõem.***

Esse princípio nos faz lembrar àquele que afirmava Carl Gustav Jung sobre as neuroses do psicoterapeuta: ***“A presença das neuroses no terapeuta é uma contradição em que ele não poderá nunca chegar, levar um paciente além de onde ele mesmo pôde chegar.”***

O *Counseling Psicodinâmico* com os genitores que se iniciou aqui no IdO. desde o século passado e que hoje está cada vez mais atual busca empenhar os pais numa reflexão sobre a temática evolutiva educativa com a finalidade de atualizar essa mudança interna deles mesmos e conectar com as mudanças internas que surgem dessa relação pais/crianças, redefinindo o papel materno e paterno na perspectiva de um diálogo nesta nova gestão dos filhos. Em poucas palavras um modelo de paternidade ativa, de família ativa que restitui a mãe e ao pai um senso de uma projeção familiar diferenciada.

O termo *Counseling*, que é do inglês *counsel* e significa aconselhar/consultar, é como define Umberto Galimberti num dicionário de psicologia: ***“É uma ação de apoio terapêutico nas decisões , uma linha que cria condições de autonomia para decisões através da consideração dos fatores conscientes como os interesses, os gostos, as aspirações econômicas num prestígio social e as inclinações profundas e inconscientes que reenviam as necessidades afetivas profundas, mecanismo de adaptação que são a base da dinâmica pessoal e do modo de existir do indivíduo.”***

Eu falei longamente sobre isso, como uma introdução, apenas para sublinhar a nossa divisão dos princípios que nos levariam a entender o que é o *counseling psicodinâmico*. A nossa intervenção não objetiva condicionar ou adestrar os pais na ótica da criação de pais perfeitos ou super pais mas propriamente o que queremos é uma ação de apoio terapêutico que possa criar condições e dar uma autonomia nas decisões garantindo, num tempo de continuidade, essa missão de serem pais nesse momento de um mundo diferente onde se fala muito de fatores conscientes de uma parte e de inclinações

profundas e inconscientes de uma outra parte, complementando estes componentes vamos estar sempre fazendo contas e essa é a razão principal dessa intervenção ser realizada com apoio profissional da psicologia e psicoterapeutas.

Nessa ótica é indispensável que cada terapeuta seja individualizado e diferente do outro assim como é o que ocorre com cada criança, cada mãe, e cada pai . Cada um tem a própria história e se pra criança é um **working in progress**, para cada um dos pais é uma história de longa duração tanto no sentido sincrônico mas sobretudo no diacrônico.

No desenvolver deste trabalho os pais se encontram movidos a indagar os motivos de sua própria escolha de casal, nessa parceria, e também de reativar suas lembranças infantis porque é lá o lugar de onde eles vão poder trazer reflexões desse automatismo da memória que chegou neles atualmente. Na verdade, estas repetições que nós usamos nos campos educativos a gente as viveu quando pequenos e inconscientemente as revivemos. Por isso então é que muitas vezes é uma raiva que movimenta os nossos intentos e às vezes a gente quer fazer o oposto daquilo que a gente viveu e nos fez sofrer na infância e na juventude e isso causa um certo conflito na própria criação dos seus filhos.

A força do trabalho do IdO é aquela de um projeto integrado na intervenção com a criança que compreende também a escola e o pediatra e a sua dupla familiar de pai e mãe. O trabalho específico com a criança se afila, faz um paralelo com aquele do counseling psicodinâmico com os e evidentemente, o fundamental, como já falei antes é o trabalho de equipe dos operadores através das análises do comportamento da criança que refletem no trabalho com os pais.

Para exemplificar, basta pensar na criança com dificuldade de regular os seus próprios estado emotivos e que muitas vezes levam a um comportamento provocativo ou destrutivo. De uma outra encontramos pais que estão desmotivados que oscilam entre seus próprios sentimentos de desilusão e raiva frequentemente associados a própria situação familiar.

A sala onde nós trabalhamos é por isso muito cheia de pessoas reais e imaginárias, onde estas últimas não são de menor força ou importância porque nós nos confrontamos e nos encontramos com fantasmas das nossas histórias de pai e mãe e nos encontramos com filhos imaginários que são os que queríamos, idealizamos que fossem.

Com as expectativas desiludidas com desejos irrealizados é necessário que possamos sim, escutar todos os personagens desta cena familiar levando um diálogo de reflexão entre as partes.

Carl Gustav Jung em 1927 no prefácio do livro de Frances G. Wickes, "O Mundo Psíquico da Infância", afirmou: ***“Existe uma norma que influenciou muito na criança no nível psíquico e é aquela da vida que os pais não viveram. Esse pedaço de vida que eventualmente poderia ser vivido se alguns pretextos mais ou menos sutis ou menores ou grandes não tivessem impedido e isso trata de um aspecto da vida no qual, pra dizer claramente, estado subtraído.”***

Neste determinismo psíquico não haveria uma mudança se não fosse a continuação, na página seguinte do mesmo livro onde continua Carl Gustav Jung afirmando: “***A verdadeira individualidade psíquica da criança é um novum respeito aos pais não se pode deduzir da própria psique dos mesmos.***”

Então, o que Jung intuiu e sintetizou nessas linhas há quase um século seria o desenvolvimento da moderna concepção do indivíduo: a constelação familiar vive de expectativas e frustrações que é uma trama de geração em geração mais ao mesmo tempo encontra uma criança única (unicum), um novo(novum) que traz a força total desta individualidade.

Muitas vezes me perguntam como estão os pais de hoje em relação aos pais do passado?

Então eu gostaria de falar um pouquinho sobre esse tema.

Os pais de hoje estão muito sozinhos!

Nestes últimos 10 anos, sempre mais a família foi se transformando em núcleos, perdendo o contexto parental e social que frequentemente por bem ou por mal representava uma continuidade na transmissão de uma cultura nas relações intra e extra familiares. Se vivia e convivía, em contato com irmão e irmãs primos/ primas com a presença das 3 gerações na própria casa, os bisavós, os avós os pais os filhos contemporaneamente com a possibilidade de observar adultos no confronto entre eles, mas também as crianças menores os irmãos menores em confronto com os adultos maiores e isto tudo trazia uma série de experiências e relações entre gerações que ofereciam um panorama de comportamentos e escolhas sobre as quais o sujeito poderia se formar e refletir.

A clássica família atual, com um filho único e geralmente nascido de pais que não são muito jovens porque hoje estão preferindo ter filhos mais velhos e com avós talvez até mais anciãos e nem sempre em condição de saúde boa para participar desta casa, deste convívio, vai determinando um núcleo familiar de isolamento que fica constricto a recorrer a diversas formas de entretenimento extra familiar para este filho único porque já não existe mais a família. Nessa nova modalidade o empenho quantitativo do tempo escapa completamente a uma presença de afeto, de pessoas que tenham significado também e ainda podemos afirmar que nesse caso surge também preocupações econômicas que fazem cada vez mais com que os genitores passem muito tempo fora de casa, pra trabalhar e retornem muito cansados e frustrados e sentindo esse papel de pais como um outro trabalho extenuante principalmente quando estas crianças tem um problema.

UM GRITO DE ALARME QUE CHEGA TAMBÉM DA ESCOLA

Antigamente nas situações normais dentro da sala de aula as professoras tinham uma facilidade em gerir ,com a capacidade e experiência que tinham, a sua turma, os seus alunos e cada vez mais estas situações tem se tornado diferenciadas porque os "casos

difíceis" estão em constante aumento. Em consequência disso, a debilidade de um núcleo familiar se junta com a debilidade das professoras que estão sempre em maior dificuldade com classes maiores, com mais alunos em sala, tornando essa gestão muito mais difícil com tantas problemáticas individuais, diversificadas e complexas numa sala com muitos alunos.

Por último, eu gostaria de fazer uma consideração as crianças de hoje que são os famosos "nativos digitais" nascidos e crescidos em uma sociedade multimídia e informatizada e que se movem naturalmente ao interno dessa tecnologia com uma capacidade e simplicidade de causar inveja aos adultos pais, professores, enfim, uma capacidade indiscutível em respeito a uma boa parte da população adulta. Porém, provavelmente limitada no que diz respeito a uma capacidade crítica em poder avaliar as fontes de informação e as consequências do próprio uso dessa web. Existem os riscos e conexões de eventuais comerciais e propagandas que se propõem nestes lugares com todos estes instrumentos. Acessar a web também requer uma certa educação e discernimento para sua utilização. Neste ponto vivemos diante de um grande paradoxo e debate, pois crianças e jovens ganharam um conhecimento e uma capacidade de se mover no interno da web muito maior do que o adulto e aí temos a questão paradoxal pois foram os adultos que construíram esta informática. Só que as crianças e os jovens ultrapassaram o criador então rendendo inverossímil esse binômio que é idade x experiência e não podemos ficar passivos diante a tudo isso, temos que fazer um ato de paternidade ativa aonde sejamos protagonistas também das aquisições deste conhecimento os transformando em justa competência educativa. Temos muito que ensinar e acho que temos muito que aprender.

Estes são os pais que encontramos nas salas de terapia que citei anteriormente. Apoiar os pais e essa nova visão da criança que é o título dessa minha palestra, significa se colocar em relação com essas problemáticas e desenvolver este conhecimento de um novo papel ativo dos pais na educação do próprio filho educação.

EDUCAÇÃO - EDUCAR

Educa / Ação , ter ação no educar

No vocabulário etimológico da língua italiana Ottorino Pianigiani de 1907, apresenta a definição de educar como: ***é ajudar com uma oportuna disciplina a colocar em ação a desenvolver as boas inclinações da alma e a potência da mente e combater as inclinações que não são boas: o "conduzir fora" o homem dos defeitos da própria natureza, estilando, criando hábitos de moralidade e de boa crença.***

Alguma coisa de diferente, mas não de todo de uma filosofia Socrática que através de perguntas e respostas levava o interlocutor a buscar dentro de si a verdade, determinando-a numa maneira o mais possível dentro de uma autonomia. O termo ***Maiêutica*** deriva do grego que significa mãe, Levratite. Maia na mitologia clássica é mãe de Herdes (Mercúrio), filho de Zeus e na mitologia Indo Iraniana é a deusa mãe saída

dessa divindade primogênita e ao seu redor mãe de Trimurte e do deus do Amor Kamadewa. No entanto, a figura de Maia nessas culturas são deusas que portam a uma esfera mitológica de alta dignidade feminina.

Essa dignidade feminina em que citei acima é que nos daria prazer em redescobrir nessas mães das nossas crianças, uma força e um poder de decisão que a natureza deu a elas que somente numa cultura forte e conservadora teria o poder de ofuscar uma mãe consciente do seu próprio dever materno. Uma mãe transformada numa grande aliada a nosso trabalho com grau de unir a sensibilidade até a segurança, a doçura à firmeza, fazendo com que a criança se sentisse protegida e projetada num futuro onde pudesse passar progressivamente a educar, ou seja a conduzir fora como está explicado pelo Ottorino Pianigiani (1907): ***“Faz nascer na criança um desejo de buscar dentro de si a verdade, (caímos em Sócrates) fazendo dela uma parte da sua vida como conquista autônoma que assim o levará a ser um adulto seguro e responsável.”***

Alguém pode estar me perguntando : e o pai?

Devemos esperar, como se pensava antigamente, que estes só participariam da educação do filho quando estes estivessem em grau de formular o pensamento? Ou quando eles chegarem a adolescência? Quando poderá esse homem tomar pra si uma responsabilidade pra esse movimento do filho?

O homem se torna pai no momento no qual ele pensa em ter um filho. Quando se imagina junto a própria parceira durante a gravidez, durante o parto e paralelamente nas diversas fases de crescimento e sobretudo acompanhando esse desenvolvimento do filho.

Mas, eles não podem ser esses pais amiguinhos e companheiros do filho, no sentido do ser igual. Existe a importância desta troca, parceria que estabelece o jogo, a brincadeira e existe o limite que dá referencialmente adulto e paterno à esta criança. São lugares distintos.

Tem um momento do jogo onde a divisão dos afetos aparece e não se deixa nunca de ser pai: mas é necessário deixar sempre íntegra a figura de referência uma figura que se regula em orientar quando necessário ,se desculpar quando erra mas sempre num ponto de referimento e de exemplo.

Dizia Jung: ***“Os belos discursos em geral não contam, contam somente o agir, a vida real dos pais.”***

Nos recorda Winnicott: ***“Divirta-se a descobrir os vários aspectos das personalidades dos teus filhos porque deste modo você pode ajudá-los a crescer. Participem com entusiasmo dos seus jogos, sem manifestar impaciência ou agitação. Mais do que qualquer outro comportamento são os jogos que demonstram o desenvolvimento de uma vida interior numa criança. Se vocês respondem com prazer aos seus convites de jogar vão contribuir certamente para um enriquecimento interior e os jogos inventados juntos vão formar a melhor parte das suas relações.”***

No trabalho que eu desenvolvo com adolescentes e jovens adultos é muito presente o tema paterno e sobretudo a ausência paterna ou a distração paterna ou a desilusão no confronto com esta figura paterna mas tudo isso não se verifica na adolescência ou após a adolescência, mas sim quando se é criança. É ali na infância que se sente o vazio e o desejo de uma figura paterna.

“Quando eu sentia a voz do meu pai eu esquecia os meus jogos e corria, ali me escondia na sombra de um grande jardim e o desfia a me buscar e eu dizia: Eu estou aqui”

(New Trolls álbum Aldebaran, 1978)

Acima eu citei a estrofe inicial de uma canção dos New Trolls de 1978, intitulada *A carência do entardecer*, que se presta muito bem a fazer uma ligação desses dois pontos que eu proponho como reflexão: a ausência da figura paterna e a separação dos pais. Nessa última, é uma realidade sempre muito mais frequente nos nossos encontros de counseling e sempre mais se exprime tal ponto com sensação de uma inadequação.

Partimos então para o ponto fundamental: as crianças na sua dificuldade em compreender o comportamento dos adultos, tendem a se culpar pelas brigas em casa, pelas tensões conjugais que eles veem, e se sentem vítimas desses desencontros e em consequência podem expressamente indicarem que são as causas disso porque casualmente de um simples capricho surge uma briga furiosa entre o pai e mãe e muitas vezes as crianças estão no meio.

O que eu proponho? Tiremos das crianças essa responsabilidade infundada e danosa assumindo para nós mesmos as responsabilidades dos nossos atos, também isso significa genitorialidade ativa.

O counseling psicodinâmico aqui no IdO apoia os pais nessa redefinição do papel materno e do papel paterno na tentativa de restituir o justo equilíbrio entre divisão afetiva e regras, entre o diálogo e a afetividade entre o respeito a si e o respeito ao outro numa prospectiva que coloque sempre ao centro do nosso trabalho a atenção na criança e no seu desenvolvimento sadio.

Artigo escrito e apresentado por Bruno Tagliacozzi

Psicólogo, psicoterapeuta, analista Junguiano (CIPA-IAAP), membro do IdO

Tradução por Monica Nicola

Psicanalista, Psicomotricista, membro do IdO

Bibliografia

1. M. Fordham, *Divenire un analista Junghiano*, Magi, Roma, 2005, p. 81
2. C.G. Jung, "Psicoterapia e concezione del mondo" [1942], *Opere*, vol. XVI, *Pratica della psicoterapia*, Boringhieri, Torino 1981, p. 89.
3. U. Galimberti, *Dizionario di psicologia*, UTET, Torino 1992.
4. C.G. Jung, "Prefazione a F.G. Wickes, Il mondo psichico dell'infanzia" [1927], *Opere*, vol. XVII, *Lo sviluppo della personalità*, Boringhieri, Torino, p. 42
5. *Ibidem*, p. 43.
6. O. Pianigiani, *Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana*, edito per la prima volta nel 1907 in due volumi per i tipi di Albrighi & Segati.
7. D.W. Winnicott, *Il bambino, la famiglia e il mondo esterno*, Magi, Roma 2005, p. 79